



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

ASPECTOS CLÍNICOS E DIAGNÓSTICOS DA EPILEPSIA IDIOPÁTICA EM UM FELINO

AUTOR PRINCIPAL: Lisiane Saremba Vieira

CO-AUTORES: Veridiane da Rosa Gomes

ORIENTADOR: Renan Idalêncio

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

Também chamada de epilepsia primária ou verdadeira, é caracterizada por crises convulsivas sem lesões estruturais identificadas cuja origem supõe-se ser genética e os portadores da patologia se apresentam clinicamente e neurologicamente normais (BERENDT, 2004). A epilepsia idiopática em felinos é pobremente descrita na literatura - diferente da patologia em caninos, porém há recentes estudos contradizendo esta situação (KLANG et. al, 2014; MOORE, 2014). Segundo Moore (2014), gatos com epilepsia idiopática tendem a apresentar as primeiras convulsões no período entre 1 a 7 anos de idade e o diagnóstico é a partir da ausência de anomalias congênitas, tumores ou traumas que expliquem as crises convulsivas. A manifestação clínica é constituída por um fenômeno anormal, súbito e transitório, incluindo alterações de consciência, motoras, sensoriais e eventos psíquicos (BERENDT, 2004). O presente estudo tem como objetivo apresentar um caso de epilepsia idiopática em felino atendido no HV-UPF.

DESENVOLVIMENTO

Chegou para atendimento no Hospital Veterinário da UPF um felino fêmea, de sete anos de idade, pesando 4,95Kg, S.R.D, apresentando sialorreia há três dias, uma convulsão e incontinência urinária após esta, sinais comuns das fases de pródrômo, ictus e pós-ictus (KLANG et. al, 2014). Não sendo constatadas alterações no exame clínico, o paciente foi internado, já iniciando fluidoterapia e realizou ultrassonografia abdominal, onde a bexiga apresentou sedimento ecogênico e microcálculos sugestivos de cistite intersticial, achados estes sem relação com o episódio convulsivo, hemograma e bioquímica sérica, cuja creatinina estava 2,0mg/dL e ureia 131mg/dL. Perante estas alterações, foi constatada possível encefalopatia urêmica, cujo plano terapêutico fora realizado com fluidoterapia de ringer lactato sódico, enrofloxacino (5mg.kg⁻¹, IV, BID) para o tratamento da cistite intersticial, fenobarbital (4mg.kg⁻¹, VO, BID) – este eleito para tratamento de epilepsia, por ter meia-vida de eliminação longa e alta eficácia (BERENDT, 2004) - e omeprazol (1,5mg.kg⁻¹, VO, SID), impedindo a formação de úlceras pela uremia. Após o tratamento da encefalopatia urêmica, o paciente continuou com episódios convulsivos

controlados pelo anticonvulsivante, sendo assim, recebeu alta e manteve-se o fenobarbital (4mg.kg^{-1} , VO, BID). Em poucos dias, retornou apresentando convulsões focais e generalizadas, sem alterações em exames sanguíneos; então foi realizada radiografia craniana em busca de alterações como traumas que expliquem os episódios convulsivos, porém não houve alterações radiográficas. Também realizou sorologia para *Toxoplasma gondii*, cujos sintomas em felinos podem ter apresentações neurológicas, porém o resultado foi negativo. Após este episódio, realizou-se a dosagem de fenobarbital sanguíneo, cujo resultado foi de $12,2\mu\text{g/mL}$, abaixo da concentração sérica necessária para controle das convulsões. Contudo, sabe-se que é necessário um período mínimo de duas semanas para que o fármaco atinja concentrações sanguíneas ideais para ser monitorado (BERENDT, 2004), período o qual não foi respeitado pelo retorno dos episódios convulsivos. Constatou-se que o paciente não foi responsivo à monoterapia após a dose de fenobarbital não ter o efeito esperado, sem controle das convulsões, então foi incorporado ao tratamento a gabapentina (30mg.kg^{-1} , VO, BID), de forma que o paciente se mantém com esta terapia e a patologia segue controlada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico definitivo de epilepsia idiopática deve ser feito de forma minuciosa, levando em consideração os fatores supracitados e a consciência de que cada paciente possui características específicas e seu plano terapêutico é variável.

REFERÊNCIAS

1. BERENDT, M. Epilepsy. Clinical Neurology in Small Animals – Localization, Diagnosis and Treatment. International Veterinary Information Service, Ithaca, New York, USA. 2004. Disponível em <http://www.ivis.org/special_books/braund/berendt/IVIS.pdf?q=epilepsy>, acesso em 16/09/2015.
2. KLANG, A. et al. Epilepsy in cats: Theory and Practice. Journal of Veterinary Internal Medicine 2014;28 255–263.
3. MOORE, S. Seizures and epilepsy in cats. Veterinary Medicine: Research and Reports 2014;5 41-47.